

FEMINISMOS E MEMÓRIA

Teresa Cristina de Novaes Marques

Universidade de Brasília

E-mail: tcnmarques@unb.br

Resumo: Discute-se o sentido da memória individual de ativistas dos feminismos, em que são observadas repetições e insistências. Tais repetições sugerem haver traços em comum entre as formas como os grupos elaboram a memória de seus feitos. O artigo questiona o papel da memória coletiva no cultivo do sentimento de pertencer a um grupo, e na delimitação das fronteiras simbólicas entre os grupos. Ao mesmo tempo em que oferecem força de coesão aos grupos, reforçando a identidade de cada um, as memórias segmentam o movimento social de mulheres, alimentando a multiplicação dos sentidos do que é feminismo.

Palavras-chave: Memória; Bertha Lutz; Feminismos.

Abstract: This article examines the sense of individual memories of feminist activists, where we observe repetitions and insistences. These repetitions suggest there are common grounds between the ways groups elaborate the memory of their deeds. The article examines the role the collective memories play in the growing of sentiments of belonging to a group. At the same time, memories provide strength of cohesion to the groups; reinforce the identity of each one, but at the cost of fragmenting the women's movement, feeding the multiple meanings to feminism.

Keywords: Memory; Bertha Lutz; Feminism.

Apresentação

O movimento feminista é mergulhado em memórias, tanto as voluntárias, quanto as provocadas. Ativistas buscam registrar para o futuro os seus feitos; escrevem livros de memórias; deixam-se biografar.¹ Entidades zelam pelo registro de suas decisões, imagens e documentos, quando não elaboram narrativas sobre o seu passado. Entrevistadores sentam-se com ativistas para conhecer e registrar a sua memória. Ativistas recentemente admitidas ao círculo das veteranas se submetem ao rito de passagem de ouvir as mais antigas e começar a se inteirar das questões feministas ou mesmo começar a partilhar a empatia umas pelas outras. Começam, assim, a se reconhecer como feministas; a construir uma identidade política.

A invisibilidade da mulher na historiografia, uma queixa constante das feministas, é combatida com a profusão de registros, de narrativas, de celebrações festivas. Promovem-se dias de memória e publicações comemorativas. Se a historiografia convencional e masculina dá pouca importância e espaço para as manifestações de mulheres, ativistas respondem com obras sobre a história do feminismo e a das mulheres.

Este ensaio discute a memória de ativistas de movimentos feministas que é marcada por instabilidades importantes. A começar pela própria ideia de feminismo, que assumiu vários sentidos ao longo do tempo. Inevitavelmente ocorrem disputas pela memória, sobre qual o autêntico ou o verdadeiro movimento de mulheres. Como os elos identitários que unem as integrantes de um grupo são reforçados (ou construídos?) por experiências partilhadas, a convivência entre os grupos frequentemente é marcada por dificuldades de comunicação, pela ausência de uma linguagem em comum.

Outra instabilidade diz respeito à superação das gerações de ativistas, pois, como a bandeira do feminismo não se transfere de uma geração a outra e, sim, novos grupos se formam e reelaboram o que entendem ser feminismo, a tensão entre as veteranas e as recém-admitidas nos círculos do movimento social transborda para além dos atritos cotidianos e se manifesta também em disputas pela memória do feminismo.

Inicialmente, apresento o problema dos procedimentos adotados por Bertha Lutz para preservar a memória de sua experiência política. Em seguida, faço considerações sobre os sentidos de memórias como a de Lutz sobre a escrita da história dos feminismos.

1 Entre as muitas biografias de líderes feministas, ver a obra sobre a líder sufragista norte-americana, Carrie Chapman Catt, escrita por Mary G. Peck (1944).

A passagem do tempo e o legado de cada um

No dia 8 de março de 1971, Bertha Lutz sentou-se em sua casa e preparou o gravador que havia comprado com recursos do CNPq para registrar o projeto de livro em comemoração aos cinquenta anos da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.² A gravação foi precedida por anotações manuscritas, depois datilografadas, corrigidas à margem, redatilografadas, como era do seu estilo.³ Não suficiente ter registrado a leitura do texto, Bertha também guardou as anotações, de sua fase embrionária à versão final, evoluída, como ela teria pensado, em moldes Darwinianos, como também era do seu estilo. Apesar de todo o cuidado de Bertha ao registrar o modo como desejava que a Federação fosse lembrada, o livro não chegou a ser publicado.

O gravador, as anotações e a gravação foram arquivados no Museu Nacional, junto a uma dezena de caixas de documentos e fotos que Bertha acumulou durante a sua longa atuação naquela instituição. Guardou cópias de cartas que enviou a amigos e familiares, projetos apresentados a parlamentares, a Vargas; outros enviados ao Itamaraty, além de recortes de jornais e tudo mais que registrasse o percurso das feministas da Federação desde os anos 1920.

Não haveria de delegar a um estranho examinar e dar sentido a todos os resquícios do passado que acumulara no porão de sua casa no Alto da Tijuca.⁴ À jovem historiadora Rachel Soihet fez a gentileza de franquear o acesso ao porão, onde estavam seus papéis. E pronto. Pouco conversaram.⁵ O sentido de tudo o que vivera saíria de sua própria boca, sob o seu ordenamento de ideias.

Como outras tantas pessoas de sua geração, Bertha manteve o costume de guardar papéis e sua preocupação em preservar a reputação de integrantes da família também não era fora do comum. Em dezembro de 1940, por exemplo, escrevera à amiga e feminista Carrie Chapman Catt que se dedicava a erigir um memorial em homenagem a seu pai, o cientista Adolfo Lutz, falecido dois meses antes.⁶ Quatro anos depois, escreveu à mesma amiga que dedicava nove horas por dia a organizar os papéis do pai no Instituto Oswaldo

2 Entidade feminista criada em 1922 por Bertha Lutz, Maria Lacerda de Moura, Carmen Portinho, Jerônima Mesquita e outras.

3 Bertha Lutz (1971), registro sonoro no Arquivo Nacional.

4 Segundo Assmann: “Em um plano coletivo a memória cumulativa contém o que se tornou inutilizável, obsoleto e estranho (...). Na memória funcional, por outro lado, trata-se de uma memória que, ao passo que se apropriam dela, resulta de um processo de seleção, associação, constituição de sentido (...) Apenas a memória funcional tem a capacidade de dar sentido ao acúmulo de informação.” [Assman, 2011, p. 150].

5 Entrevista de Rachel Soihet à autora.

6 Carta de Carrie C. Catt a Bertha Lutz, 12/12/1940. [Museu Nacional]

Cruz, na esperança de que a sua obra não se perdesse ou fosse esquecida.⁷ Cerca de vinte anos se passaram e já de posse do gravador do CNPq, Bertha registrou a leitura de notas para uma biografia de Adolfo Lutz. Não cogitara agir diferente. Assumira a guarda da memória do pai com o mesmo zelo com que cuidara dele nos últimos anos de sua vida.

Entretanto, se preservar papéis, registrar memórias e cultivar a lembrança dos mortos eram costumes disseminados entre muitos, havia uma motivação a mais para Bertha registrar o seu legado às conquistas feministas no Brasil. Quem haveria de cuidar da lembrança de seus próprios feitos? Quem haveria de entender que o feminismo que abraçara era o único em que acreditava? Como sempre fizera em tudo mais na vida, também assumiu o controle da forma como desejava ser lembrada. Falava em nome da Federação, mas lembrava, sobretudo, da sua experiência pessoal.

Motivada pela proximidade da celebração do cinquentenário, Bertha apressou-se em finalizar as anotações e escolheu o dia 8 de março para iniciá-las. O que restava da Federação? Nada disse sobre as ativistas remanescentes, o que a entidade ainda significava na vida política do país em 1971. O passado era seu maior legado, um trunfo, e precisava ser recuperado para que outras soubessem da sua importância e lhes dessem valor. A escolha da data não deve ter sido fortuita, pois o 8 de março há muito representava um dia de celebração e de memória de todas as que se autodenominavam feministas, qualquer que fosse a sua linha de atuação e o seu entendimento sobre o que é feminismo.

Contava com 77 anos e não teve filhos ou sobrinhos que pudessem ir a público relatar seus feitos. Grandes amigas já haviam falecido, como Maria Eugênia Celso e Jerônima Mesquita. Seu único irmão também se fora cinco anos antes. Mesmo assim, com voz firme e nítida, registrou o que denominou de “histórico do movimento feminista brasileiro”. Queixou-se do ruído subsidiário que vinha da rua no instante da gravação e prosseguiu.

A despeito das memórias triunfantes de Lutz, nos seus tempos áureos, a Federação não reunia mais do que cem integrantes regulares, lembrou Almerinda Gama em entrevista.⁸ Nas atas de reuniões da FBPF nos anos 1930 e 1940, são recorrentes as menções às dificuldades econômicas para manter a entidade e a carência de novas sócias. Anos depois, a própria Bertha admitiu

7 Carta de Bertha a Carrie C. Catt, em 10/4/1944. [Museu Nacional]

8 Almerinda Gama colaborou com a Federação no início dos anos 1930, quando, inspirada por Bertha, organizou um sindicato das datilógrafas do Distrito Federal. A partir desta entidade, conseguiu ser eleita delegada eleitora dos representantes classistas à Assembleia Constituinte de 1933. [Almerinda Faria Gama. *Depoimento*, 1984]

que a Federação perdera o impulso inicial após a conquista do voto: “Além disso, o número de adeptas não é constante e depende dos problemas levantados no momento. Por exemplo, na campanha pelo voto feminino, o número de feministas era muito grande, mas depois do voto ser conseguido, muitas feministas simplesmente desapareceram.”⁹

Na gravação, Bertha nada disse sobre a sua saída da Federação, de cuja presidência renunciara em outubro de 1942.¹⁰ Neste ponto, Maria Sabina de Albuquerque assumiu a presidência da entidade e ainda o era quando Bertha se sentou para gravar o “histórico do movimento feminista brasileiro”, em 1971.

Teria sido a Federação, como tantas outras organizações do movimento social, vítima do próprio sucesso?¹¹ Seu propósito inicial era obter a sufrágio e o alcançou. No auge da campanha sufragista, as reuniões da Federação eram concorridas e as notícias nos jornais eram frequentes. E depois? A agenda política da entidade foi reformulada para alcançar amplas reformas da condição jurídica da mulher. Como essa linha de atuação se mostrou árdua e de resultados graduais ou incertos, as simpatizantes do feminismo não tiveram motivação para esperar os resultados e simplesmente foram viver suas vidas. Assim pensava Bertha. E, se, por outro lado, a entidade não oferecesse espaço à renovação das ideias e à incorporação de outras demandas das mulheres? Quem desejaria se dedicar a uma entidade assim? Poucas. As mesmas de sempre.

O tempo passou e as iniciativas de Bertha e de suas colaboradoras foram empalidecendo e elas gradualmente passaram a ser encapsuladas em uma categoria usual na escrita historiográfica dos feminismos: “as precursoras”. O que vem a ser isso? Aquelas a quem se rendem homenagens, mas não se solicita a opinião. Antecedentes das que realmente agem e empunham a bandeira do feminismo no momento. No entanto, Bertha estava viva e o seu passado tinha valor político para muitos, especialmente para o Itamaraty!

Em 1975, a pressão do movimento social tomou de assalto a agenda da ONU e uma importante conferência internacional foi convocada para junho daquele ano. As feministas já não se lembravam, mas os diplomatas recordavam da atuação de Bertha junto à delegação brasileira na Conferência de San Francisco, de maio a junho de 1945. Coube a esta conferência redigir a Carta da ONU e coube a Bertha participar das articulações de bastidores que levaram a que o preâmbulo da Carta contivesse o compromisso de igualdade entre os sexos. Também, durante a conferência de 1945, Bertha propôs a

9 “Morre pioneira do movimento feminista”. *Folha de São Paulo*, 17/9/1976.

10 Carta de Bertha Lutz a integrantes da FBPF, 14/10/1942. [Museu Nacional]

11 Há copiosa reflexão sobre o declínio de movimentos sociais, a exemplo do ensaio de Barbara Epstein (2003).

criação da Comissão sobre o Status da Mulher, a despeito de forte resistência das delegadas dos Estados Unidos e da Grã Bretanha. Dessa mesma comissão partiu a iniciativa de convocar a conferência do México e declarar 1975 o Ano Internacional da Mulher.¹²

Trinta anos depois de San Francisco, Bertha foi ao México, a convite do Itamaraty. Para a delegação brasileira, a presença da velha precursora era mais que um símbolo. Constituía um trunfo diplomático que reafirmava o compromisso do Brasil com a igualdade entre homens e mulheres. Tratava-se de igualdade real? Eis um detalhe de menor importância para a diplomacia.

Com orgulho, o chefe da delegação brasileira na conferência do México, Lauro Escorel, a 28 de junho de 1975, subiu à tribuna e agradeceu à audiência a delegação do Brasil ter sido eleita para discursar logo após a abertura da Conferência. E completou: “que me seja permitido recordar, nesta oportunidade, que na Conferência de São Francisco, de 1945, a doutora Bertha Lutz se empenhou para que a introdução na Carta das Nações Unidas contivesse dispositivos que estabelecem a igualdade entre o homem e a mulher (...)”¹³.

Ao retornar ao Brasil, Bertha registrou suas impressões sobre a Conferência do México. Enviou-as ao Itamaraty, na forma de relatório. Anotou, datilografou, corrigiu à margem e, por fim, decidiu omitir da versão datilografada os comentários mais ácidos sobre o ambiente político da conferência. Nada disso se preservou nos arquivos do Itamaraty, mas, por sorte, o zelo memorialístico de Bertha nos oferece uma oportunidade para observar a cena por outra perspectiva. Escreveu ela sobre a satisfação de ter sido objeto de tantas homenagens e obséquios. As novas feministas não a reverenciavam, mas ainda havia quem o fizesse:¹⁴

“10. Durante a Convenção, a Comissão Interamericana de Mulheres elogiou o papel do Brasil na Conferência de São Francisco, propondo a criação da Comissão de Estatuto da Mulher das Nações Unidas e dos artigos da Carta que constam direitos iguais para homens e mulheres. A Maria Ester de Echeverria chamou-me de “exemplo” e muito me prestigiou. As organizações não governamentais apresaram em homenagear-me. Mandaram uma delegação composta pelas representantes da Aliança Internacional de Mulheres, do Conselho Internacional de Mulheres, da Aliança Feminina Santa Joana D’Arc e da Federação Mundial de Mulheres Rurais à Conferência. A delegação saudou-me e ofereceu-me uma medalha. Recebi outra da Chefe das delegadas mexicanas. Agora, as mulheres de cada país terão que trabalhar para o projeto.

12 Conforme Alvarez (1990), p. 80.

13 Telegrama de 28 de junho de 1975. [Arquivo do Itamaraty]

14 Relatório de Bertha Lutz ao Ministério das Relações Exteriores sobre a sua participação na Conferência do Ano Internacional da Mulher, México, 1975. [Museu Nacional] Obs.: o trecho destacado provém de duas páginas manuscritas, cujo conteúdo não foi incluído na versão datilografada do documento. Os grifos são meus.

11. A Tribuna organizada pelas Associações não governamentais, na mesma ocasião que a Conferência sofreu da mesma dualidade. Por um lado, associações internacionais com dezenas de anos de apoio às reivindicações justas da mulher; por outro lado, uma invasão de **malucas mal orientadas** e obsecadas por problemas pessoais. Mormente de sexo e chefiadas por **pseudo-feministas**, como Betty Friedan – que não compreendem que a mulher deve se manter no terreno elevado de direitos e deveres iguais para todo ser humano.”

As malucas mal orientadas para Bertha eram as verdadeiras feministas para a jornalista Heleoneida Studart, credenciada como correspondente do grupo Bloch na Conferência.¹⁵ Para a revista *Manchete*, Heleoneida fez a matéria principal da edição de julho da revista.¹⁶ A capa destacava a conferência do Ano Internacional da Mulher ao mesmo tempo em que anunciava, em cores, a cobertura do concurso Miss Brasil 75. (Contradições da errática linha editorial da *Manchete*). Entre muitas imagens, o escasso texto da reportagem destacava a entrevista “exclusiva” com a escritora norte-americana Betty Friedan, que acusou a feminista conterrânea Gloria Steinem de colaborar com a CIA. Reportagem estranha, conferência estranha. Até Imelda Marcos mereceu foto! A cobertura destacou várias outras mulheres, menos Bertha Lutz, invisível para a *Manchete*. Sobre a velha “precursora” pairou o silêncio.

Como se sabe, a Conferência do México teve maior importância por sua repercussão na imprensa e no imaginário do movimento social do que por seus avanços diplomáticos. Os bastidores tensos dos dias da Conferência foram marcados por uma aliança de países árabes favoráveis a declarar o sionismo uma forma de racismo, proposta prontamente rejeitada pelos EUA e Canadá. Além dos conflitos políticos do Oriente Médio, outra proposta encabeçada pelo México, que condenava o Chile por violações aos direitos humanos de prisioneiras políticas, aumentou o nível de tensão nos bastidores da conferência. De ambas as propostas o Brasil se absteve. Nada disso foi notícia na *Manchete* ou em outra revista brasileira. O importante é que a Conferência do Ano Internacional da Mulher marcou a retomada do feminismo no Brasil, ou, para muitas, o início de uma nova era. Para a historiadora Mary Del Priore, nos anos 1970 viveu-se a explosão do feminismo.¹⁷ Afirmação um tanto hiperbólica.

Ainda assim, o México trouxe a glória para Bertha, mas os dias eram de permanente ameaça às suas convicções. Sobretudo, pairava a perspectiva do esquecimento conforme os anos passavam e outras tomavam a bandeira do feminismo

15 Telegrama de 12 de junho de 1975. [Arquivo do Itamaraty]

16 Revista *Manchete*, 5 de julho de 1975.

17 Escreveu Priore: *Fundada, pois, na constatação da negação e do esquecimento, a história da mulher emergiu e ganhou musculatura, a partir de 1970, atrelada à explosão do feminismo, articulada ao florescimento da antropologia e da história das mentalidades (...)*. Priore (2000, p. 220).

de suas mãos. Ao concluir a gravação que iniciara em março de 1971, Bertha não deixou passar seu descontentamento com os rumos da ação política protagonizada por mulheres. Por que não nos procuram? Por que estamos sós?¹⁸

“É preciso que haja mais solidariedade entre as mulheres. A mulher brasileira hoje perfaz mais do que cinquenta por cento do eleitorado, mais do que cinquenta por cento da população e tem uma participação mínima no governo. A culpa é em parte dos homens, mas em grande parte é sua, por falta de solidariedade, por falta de espírito associativo, por falta de trabalho em conjunto. Algumas associações, como a Federação, têm trabalhado heroicamente durante cinquenta anos, sem grandes deserções e, apenas de vez em quando, uma vez ou outra, umas três vezes nos cinquenta anos, **mulheres ambiciosas** procuram fundar novos movimentos porque não querem dar apoio aos movimentos preexistentes nos quais não são a figura número um. Mas, no geral, a mulher tem se comportado muito bem no Brasil, apenas é muito omissa. Os seus pecados são de omissão e não de comissão.”

Ao tempo de sua morte, os jornais elaboraram obituários repletos de trechos de entrevistas suas. Como de hábito, Bertha usou as oportunidades abertas pela imprensa para criticar o novo feminismo a propor a revolução dos sentimentos, a reeducação das sensibilidades femininas. Ela não reconhecia nisso uma forma de feminismo:¹⁹

Certa vez ela disse que a Federação nada tinha a ver com o Woman’s Lib, de Betty Friedam: “ela está muito interessada na liberdade sexual, e nós lutamos para conseguir direitos e liberdades para a mulher no campo profissional e na vida civil, e sobretudo há uma preocupação muito grande de desenvolver o nível intelectual da mulher.”

“Não, Friedam não é feminista, é maluca”, escreveu Bertha. Tampouco eram feministas as mulheres que se aproximaram do Centro da Mulher Brasileira e depois o abandonaram para ingressar no Estado, disse a feminista Moema Toscano, muitos anos depois. Moema, que assistiu Bertha nos seus últimos anos, não conviveu com ela na vida política. Ainda assim, surpreendentemente, ambas revelam a mesma ponta de ressentimento com as mais novas, recém-convertidas ao feminismo. Para Moema, elas não são feministas; são carreiristas.

Logo após a Conferência do México, Moema se reúne a outras colaboradoras, como a jornalista Carmen Silva e Heloneida Studart, para fundar o Centro da Mulher Brasileira. Esta entidade ofereceu um novo espaço para a reflexão feminista no Rio de Janeiro. Sobre o Centro e seu ocaso, Moema relatou:²⁰

18 Registro sonoro de Bertha Lutz (1971). [Arquivo Nacional]

19 “Morreu Bertha Lutz, uma pioneira do feminismo”. *O Globo*, 17/9/1976.

20 Entrevista de Moema Toscano à autora e a Hildete Pereira de Melo, em 25 de novembro de 2011.

“O Centro da Mulher Brasileira foi enfraquecendo quando se criou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, que, então, abriu espaço para emprego, para o carreirismo mais deslavado. Quem queria se arrumar, entrava neste bonde. E entravam mesmo! Quantas mulheres que não tinham qualquer tradição feminista e se arrumaram ali. Embarcaram neste bonde e conseguiram fazer carreira. Claro que foram se apropriando dos princípios básicos do feminismo, mas entraram porque era um espaço.”

Identidades femininas, memória e história

Quando uma veterana relata a uma iniciante no feminismo as experiências que viveu, compartilha com ela a sua memória e espera que a outra a compreenda e dê valor às suas ações; quando uma ativista registra tais lembranças mediante entrevista, dá-se um passo a frente para preservar para o futuro a sua memória. Quando um historiador se debruça sobre todos esses registros, confronta-os e os interpreta, está a construir uma representação do passado que guarda relação com ele, mas não corresponde à experiência, não da mesma forma viva e afetiva do relato falado ou gravado.²¹ São diferentes usos do passado, com diferentes propósitos e destinados a satisfazer as necessidades de públicos distintos.²²

A passagem do tempo e a dificuldade para sensibilizar o outro sobre o sentido das experiências vividas são problemas comuns a qualquer movimento social. Em particular, esses problemas afligem o feminismo. Não é de hoje que se questiona sobre o que vem a ser feminismo, afinal. Os efeitos da instabilidade da noção de feminismo se fazem sentir sobre a identidade dos grupos de ativistas, bem como trazem problemas para a produção historiográfica sobre o feminismo, ou feminismos.

Em resposta, Delmar (1994) sugere distinguir entre o que é movimento de mulheres – com variadas conformações, propósitos e dinâmicas – de feminismo propriamente dito. Este seria um movimento social que tem os propósitos de promover a reflexão crítica da condição feminina e mudar a sociedade.²³ Esta reflexão se faz a partir de um conjunto de contribuições filosóficas que constituem a espinha dorsal do pensamento feminista: Woolstonecraft, Stuart Mill, Virginia Woolf, Beauvoir... É o bastante? Ações protagonizadas por mulheres também não geram uma cultura do grupo, uma visão de mundo que emerge da experiência partilhada? Há uma consciência, portanto, mas não têm a consistência e a sofisticação argumentativa dos autores

21 R. Koselleck, Posfácio para – Beradt, *Das Dritte Reich des Traums*. Citado por Assmann (2011, p. 18).

22 Assmann (2011, capt. VI).

23 Delmar (1994).

referenciais do feminismo. Por isso mesmo, por serem menos visíveis, têm existência temporária? O problema persiste. Vejamos o que diz Whittier:

Entretanto, a identidade coletiva envolve bem mais que a conscientização. Na raiz, diz respeito a ver a si mesmo como parte do grupo, uma coletividade. O mecanismo pelo qual isso é obtido e pela construção de fronteiras de grupo, ou via distinções simbólicas e materiais entre integrantes da coletividade e outros grupos. Os participantes estabelecem fronteiras do grupo através do sistema simbólico e pela construção de uma cultura alternativa, ou por intermédio de uma rede que serve como um mundo à parte da sociedade dominante.²⁴

Em outros tempos, os feminismos não foram definidos como um conjunto de ideias partilhadas pelo grupo, e sim como a ação coletiva que visava à construção de comunidades de mulheres unidas pela solidariedade, pelo conforto de conviverem umas com as outras, exclusivamente.²⁵ Também já foram definidos como ações para aprimorar a condição social das mulheres. Houve quem definisse o seu feminismo como a busca da igualdade total entre homens e mulheres, o que excluía qualquer forma de amparo à maternidade. Em verdade, muito comumente as ativistas desta linha de feminismo recusavam a maternidade.

Para a feminista social Alma Lutz, colaboradora próxima da norte-americana Carrie Chapman Catt, o feminismo nos anos 1920 “não é apenas o desejo de seguir os passos dos homens, de assumir os seus ideais e o seu lugar no mercado de trabalho, mas é uma demanda por oportunidade para agir e desenvolver-se tão livremente quanto os homens.”²⁶

Logo, antes de o feminismo assumir identidades com hífen como o vemos hoje — mulheres-negras, mulheres-índias, mulheres-lésbicas — outras divisões afetavam o feminismo singular. Na Europa dos anos 1920, havia as feministas-socialistas, as feministas-burguesas (essas eram assim denominadas por outras), as feministas-nacionalistas e as internacionalistas. Nos Estados Unidos, a expansão do movimento de mulheres fez surgir outras divisões, as feministas-sociais, as igualitaristas, as inclusivistas, as exclusivistas. Sufragistas, todas eram. Cessava aqui a proximidade dos grupos, e o feminismo no singular só existia em declarações à imprensa masculina ou para solicitar a atenção das autoridades políticas.

24 But collective identity is about far more than consciousness. At root, it is about seeing oneself as part of a group, a collectivity. The mechanism by which this is accomplished is the construction of group boundaries, or symbolic and material distinctions between members of the collectivity and others. Participants establish group boundaries through a symbolic system and by constructing an alternative culture or network that serves as a ‘world apart’ from the dominant society. [Whittier (2003, p. 107).

25 Rupp (1997, capt. VI).

26 It is not a desire merely to follow in men’s footsteps, to take over their ideals and their work, but a demand for the opportunity to act and develop as freely as men. [Citado por Becker (1981, p. 53)].

No interior das fronteiras imaginárias de cada grupo, as ativistas se reconheciam, se acolhiam e se apoiavam. Emergiam rituais e formas de agir que caracterizavam o perfil de identidade do grupo. O inevitável contato entre os grupos era marcado por atritos e disputas em torno da autêntica identidade feminista. Talvez por isso mesmo, a renovação dos quadros sempre foi um problema, pois as mulheres mais novas estranhavam as posições ocupadas pelas veteranas, as regras já estabelecidas, e partiam para criar novas associações. Sobre isso, Rupp cita o exemplo das jovens que não aceitavam integrar entidades constituídas exclusivamente por mulheres:

As diferenças geracionais em torno da questão do separatismo também são abundantes. Jovens mulheres que experimentavam pela primeira vez a ruptura entre as esferas sociais masculinas e femininas no mundo do século XX desafiavam mais os grupos exclusivamente femininos do que suas velhas colegas. Mary Sheepshank relatou que, em 1930, jovens mulheres em uma reunião da Federação Internacional de Mulheres Universitárias, em Geneve, anunciaram que ‘nós não vamos mais participar dessas organizações de mulheres’.²⁷

Em certa medida, tanto as ideias não compartilhadas como as relações de poder assimétricas definiam a distância entre as gerações de ativistas e o sucesso no processo de renovação dos quadros. O feminismo podia ser uma consciência do feminino, mas era percebido no plano mais imediato da experiência como a interação de umas com as outras, no interior de cada grupo. Conforme os grupos envelheciam, perdiam-se os vínculos que uniam seus integrantes, a frequência das ações realizadas em conjunto, a proximidade confortável que lhes causava bem-estar.²⁸ Restavam as amizades, as solidariedades, os afetos e, por fim, as memórias de cada uma. Contudo, os sentidos para estar junto, que não se transmitem às iniciantes na causa feminista, guardam-se na memória afetiva. As veteranas continuam a se perceber coerentemente como feministas, certamente de um modo diferente de como se percebem as jovens ativistas.

Questões dessa ordem estão ausentes na historiografia do feminismo produzida no Brasil. Sobretudo, a falta de investigação crítica sobre os sentidos históricos da noção de feminismo coloca a produção historiográfica em plano similar à produção de memória, a despeito da advertência feita há muito tempo por Maria Odila Dias:²⁹

27 *Generational differences on the question of separatism are also conspicuous. Young women experiencing firsthand the breakdown between male and female social spheres in the twentieth-century world challenged women-only groups more readily than their older colleagues. Mary Sheepshanks related in 1930 that young women at Geneva meeting of the International Federation of University Women announced that ‘we are not going to join any more of these women’s organizations.’ [Rupp (1997, p. 102)]*

28 Whittier (2003).

29 Ver Maria Odila L. S. Dias, 1994, p. 377.

A hermenêutica sugere interpretações provisórias, porém críticas, de modo a des-cortinar sentidos implícitos, à margem do normativo e do institucional, que podem ser vislumbrados por entre as linhas, ou nos intervalos intertextuais, de certa forma sempre subversivos da ordem, do permanente, cuja existência negam. Trata-se de apreender o ser através da experiência vivida e não através de ideias, estaticamente, o que nos remeteria de volta ao discurso normativo de dominação masculina sobre as mulheres.

No Brasil, proliferam os trabalhos que se propõem a examinar a história do feminismo. Assim, escrito no singular. Uma ideia estática, ao contrário do que propõe Dias, como saída teórica ao campo investigativo. As notórias diferenças entre os grupos são solucionadas com o apelo a soluções enquadradoras – feminismo-bem-comportado, feminismo-anarquista, feminismo-libertário etc. Pouca atenção é dada à cultura política dos grupos e os sentidos políticos e existenciais do pertencimento a esta ou aquela agremiação. Ou mesmo à situação política do momento. O que importa? O destino final de todas as precursoras é preparar o terreno para o verdadeiro feminismo emergir. Qual deles? O que vivemos hoje.

Essa elaboração pouco sutil e teleológica do problema é observada nos pensamentos que Bertha Lutz registrou na gravação de 1971. Também ali Lutz lista as precursoras à Federação a partir de rígidos enquadramentos: Nísia Floresta – vozes esparsas, Leolinda Daltro – organizadora de batalhões...

Não haveríamos, porém, de exigir de Lutz e de outras ativistas uma reflexão histórica rigorosa. Mas é preciso observar que essas formas de narrativa, tão abundantes nos movimentos sociais, precisam ser tratadas como exercícios de memória, e por isso mesmo são instáveis, emocionais e fragmentadas. Trata-se de uma das muitas maneiras de reconstruir o passado e, nessa dimensão, devem ser compreendidas. Outro é o compromisso do historiador, bem mais crítico.

Referências

Arquivo do Itamaraty - Brasília

Telegrama de 28 de junho de 1975 [(727, 28.6.75, 0761)]

Telegrama de 12 de junho de 1975. [610.55 (008) 691.3 (B46) (814)]

Arquivo Nacional

Setor de registros sonoros

Bertha Lutz (1971), BR.AN.RIO.Q0. BLZ.APR.ELC.DSO.11, faixa 13.

Museu Nacional, Projeto Semear

Fundo Bertha Lutz:

Carta de Carrie C. Catt a Bertha Lutz, 12/12/1940, Fundo B.L.; cx. 6, D.P. pasta 7.

Carta de Bertha a Carrie C. Catt, em 10/4/1944, Fundo B.L.; cx. 6, D.P. pasta 7.

Carta de Bertha Lutz à FBPF, 14/10/1942, Fundo BL, BR.MN.BL.O. FEM.1/94.

Relatório de Bertha Lutz ao Ministério das Relações Exteriores sobre a sua participação na Conferência do Ano Internacional da Mulher, México, 1975. Fundo BL, BR.MN.BL.O.FEM/239; Caixa 2, 134.244.

Depoimentos orais:

Depoimento de Almerinda Faria Gama a Ângela de Castro Gomes, 1984. FGV/CPDOC.

Entrevista de Rachel Soihet à autora e a Hildete Pereira de Melo, em 24/11/2011.

Entrevista de Moema Toscano à autora e a Hildete Pereira de Melo, em 25/11/2011.

Livros e artigos:

ALVAREZ, Sonia Alvarez. **Engendering democracy in Brazil. Women's movements in transition politics.** Princeton: Princeton University Press, 1990.

ASSMAN, Aleida. **Espaços da recordação. Formas e transformações da memória cultural.** Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

BECKER, Susan D. **The origins of the equal rights amendment. American feminism between the wars.** Westport: Greenwood Press, 1981.

DELMAR, Rosalind. "What is Feminism?" In, HERRMANN, A.; STEWART, A. (Ed.). **Theorizing feminism. Parallel trends in the humanities and social sciences.** Boulder: Westview Press, 1994.

DIAS, Maria Odila L. S.. "Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças". **Estudos Feministas**, n. 2 (1994).

EPSTEIN, Barbara. "The Decline of Women's Movement". In, GOODWIN, J.; JASPER, M. (ed.) **The social movements reader. Cases and concepts**. Malden: Blackwell Pub., 2003.

Morre pioneira do movimento feminista. **Folha de São Paulo**, 17/9/1976.

Morreu Bertha Lutz, uma pioneira do feminismo. **O Globo**, 17/9/1976.

PECK, Mary G. **Carrie Chapman Catt: a Biography**. New York: H.W. Wilson Co., 1944.

PRIORE, Mary Del. "História das Mulheres: As vozes do silêncio". In, FREITAS, Marcos (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2000.

Revista **Manchete**, edição de 5/7/1975.

RUPP, Leila J. **Worlds of women. The making of an international women's movement**. Princeton: Princeton University Press, 1997.

WHITTIER, Nancy. "Sustaining Commitment Among Radical Feminists". In, GOODWIN, J.; JASPER, M. (ed.) **The social movements reader. Cases and concepts**. Malden: Blackwell Pub., 2003, p. 107.

Recebido em 26 de março de 2015

Aprovado em 14 de abril de 2015